

A MISÉRIA DA CRÍTICA

O "IV Encontro Nacional de Professores de Literatura", a que me referi anteriormente, teve como programação principal o balanço da produção universitária da década de setenta, reunindo trabalhos dos mestres em literatura saídos dos recentes cursos de pós-graduação do país. Propiciou, entre outras coisas, a divulgação de diferentes linhas de pesquisa desenvolvidas no meio universitário, bem como a discussão dos problemas da crítica da época diante do emprego excessivo de teorias e métodos de análise literária.

Destacavam-se os trabalhos realizados na USP — voltados para a abordagem sociológica da literatura, a sistematização de um pensamento crítico brasileiro e a recuperação de fontes primárias, através do estabelecimento de edições críticas; na PUC/RJ — pautados pelo enfoque estruturalista de natureza antropológica, psicanalítica e sociológica; na UFRJ — com o pensamento teórico fortemente calcado na indagação filosófica e na visão ontológica do literário; e na UFRGS — pesquisas que revelavam a revisão da crítica brasileira, da literatura gaúcha, sem se prenderem a métodos especiais de abordagem crítica.

O contato com outras leituras do texto literário foi bastante enriquecedor para a compreensão dos limites impostos pelos métodos ou teorias, alertando-me, em especial, para o estudo da crítica literária brasileira e para a necessidade de ampliar o enfoque da análise textual. Essa questão tem me acompanhado ao longo desses últimos anos, e, em época mais recente, com a pesquisa sobre o discurso da crítica contemporânea, procuro contextualizar historicamente os meios de produção do texto crítico.

O artigo de Norma Couri, publicado no *Jornal do Brasil*, à época do evento (novembro de 1977), com o título irônico de "Esses Jovens Mestres e Suas Teses Maravilhosas (quem as entende?)", apresentava, como abertura, o diálogo mantido entre Autran Dourado e eu, em torno das aranhas, embora reproduzido de forma truncada. Aproveitando a inusitada discussão sobre os aracnídeos, a jornalista queria chamar a atenção para o abismo entre

escritor e crítica, motivado pela acusação de estar a produção universitária distanciando-se do público, pela sua linguagem hermética e sofisticada. Autran Dourado participou do *imbroglio* sem, na verdade, compartilhar dessa idéia, pois irá se expressar, nesse mesmo artigo, de maneira favorável às recentes conquistas da análise estruturalista.

Ora, ora, a discussão do fazer literário deslocou-se da imprensa para as universidades e não vejo por que reclamam tanto da linguagem preciosa ou hermética. Não pode ser de outro jeito, são análises que, tanto quanto as médicas, se pretendem científicas. Acontece, na verdade, um certo porre, um pileque de terminologias misturadas ao estruturalismo. E o que é afinal o estruturalismo? Chama-se a tudo de estruturalismo, na tentativa de depreciá-lo.¹⁷

Notava-se em alguns dos professores e orientadores de teses presentes ao evento a preocupação com a linguagem hermética da crítica e a discordância quanto à qualidade da produção acadêmica. Um dos tópicos mais discutidos foi a qualidade do ensino nas universidades, bem como a proliferação de cursos de pós-graduação no país.

Em outro artigo de Norma Couri relativo ao evento, "A Hora de Criticar os que Criticam (ou Deveriam)",¹⁸ relata-se o contraponto de vozes produzido no debate entre os antigos defensores da cátedra, avessos à democratização do direito de titulação docente, e os que defendiam a criação dos cursos de pós-graduação como fator de melhoria do ensino e da pesquisa no país. Affonso Romano de Sant'Anna, um dos organizadores do encontro, e representante da nova geração de professores das universidades brasileiras, encontrava-se entre os defensores da segunda posição:

¹⁷ COURI. Esses jovens mestres e suas teses maravilhosas (quem as entende?). Caderno B, p.1.

¹⁸ COURI. A hora de criticar os que criticam (ou deveriam), p.1.

Mas é preciso dizer que a análise literária não pode ser o lugar de guerrilheiros utópicos e políticos fracassados (...). Outro equívoco: a universidade brasileira não está dominada por estruturalistas. Há de tudo, conforme se vem demonstrando nos Encontros Nacionais de Professores de Literatura que a PUC realiza anualmente. O que há de boa ou má análise de texto. E as pessoas aí fora não têm que necessariamente entender *tudo* numa análise literária (...). A literatura brasileira — assim como a visão de novos autores maiores e menores é totalmente outra depois dos Cursos de Pós-Graduação a partir de 70.¹⁹

Merquior, também presente ao encontro, demonstrava sua inquietação com as novas terminologias e as esquizofrenias teóricas dos jovens mestres. Repetia o mesmo gesto que o fez atacar, em 1974, a "moda estruturalista" que entrava sorradeira nos portos do país, em artigo estampado no *JB*, "O Estruturalismo dos Pobres". A releitura recente desse texto trouxe-me a mesma sensação de desconforto e impaciência experimentada na época, por reconhecer a reiteração de uma postura elitista e demolidora diante de uma realidade que necessitava ser mais bem entendida. Ao denunciar, nesse texto, um tipo de saber adquirido naturalmente — "as universidades brotam" — pelo fato de se pautar por causalidades mecânicas e sem qualquer ligação com os interesses internos do país, contribui para reforçar a tese de Schwarz de que as idéias continuavam ainda, "fora de lugar".

Em comunicação apresentada no I Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ, em 1987, publicada na revista *Fahrenheit* e, posteriormente, em *Traço Crítico*, faço referência a esse artigo de Merquior, em que reitero meu desafeto diante da postura elitista que sempre o caracterizou como crítico:

¹⁹ COURI. A hora de criticar os que criticam (ou deveriam), p.1.

Em 1974, Merquior publica, também no *JB*, um artigo que desagradou a muitos leitores, intitulado "O Estruturalismo dos Pobres", cujo teor elitista já se anuncia desde o título. O estruturalismo europeu não combinava com a sua recepção verificada no Terceiro Mundo. Merquior não se conformava com o fato de que o intelectual tupiniquim pudesse se valer de terminologia e pensamentos estrangeiros — principalmente franceses — por ser essa linguagem privilégio de poucos. O artigo tem ainda cartas marcadas: a única universidade que não teria sido atingida pelo apelo sedutor do estruturalismo, a USP, é eleita como a "mais sedimentada, a mais amadurecida das nossas instituições do gênero."²⁰

A maturidade seria, portanto, o melhor critério e antídoto para os devaneios de uma intelectualidade adolescente, inteiramente seduzida pelo aceno das idéias importadas. O texto de Merquior, ao denunciar o caráter reacionário que estava por trás da moda estruturalista brasileira, pretendia dar uma lição de moral para os "pobres" intelectuais. Insurge ainda contra o emprego de termos mal traduzidos, como é o caso de *escritura*, que tanta polêmica suscitou nos meios acadêmicos. Para o crítico, em acirrada defesa do texto original, a cópia vem sempre degradada e com cheiro de fruta passada ou proibida. A reprodução de uma passagem desse texto funciona como artifício retórico que traz à cena do presente o exemplo de um modo deselegante e desrespeitosa de tratar os problemas culturais brasileiros.

...o abuso agressivo de terminologia superfluamente hermética em lugar do real trabalho de análise, quase nunca depara, neste Brasil de jovens e precaríssimas universidades, com a resistência da pesquisa séria e do ensino crítico. Ao contrário: como as universi-

²⁰ SOUZA. *Traço Crítico*, p.2-3.

dades "brotam" agora (numa expansão demasiada rápida para ser levada a sério), e os ignorantes se diplomam e se doutoram às centenas, a arrogância intelectual mais oca e mais inepta se dá facilmente ares dogmáticos de ciência exclusiva. No entanto, os sacerdotes do Método não sabem sequer português. Nossa ensaística atual é o paraíso do solecismo, o éden do barbarismo. Se você encontra um título sobre "escritura", não creia que se trata de uma obra para tabeliões: trata-se mesmo é de "écriture", que os nossos preclaros estruturalistas não sabem traduzir por "escrita".²¹

Na realidade, o que Merquior não conseguiu entender é que a proliferação dos cursos de pós-graduação trazia benefícios, apesar de suas limitações, enquanto fruto de um período de repressão política e controle ideológico. A reflexão mais sistematizada, o rigor teórico e a necessidade de sofisticar o instrumental de trabalho não representavam, como queriam alguns, alternativas reacionárias e em convivência com o regime militar. As idéias estavam "fora de lugar" na cabeça de alguns que gostariam que elas permanecessem sempre nos lugares de origem. Os resultados do esforço dispendido naquela época, bem como da resistência às acusações desse tipo, mostram-se hoje bastante enriquecedores. Reconhecer as limitações teóricas e procurar ultrapassá-las seria o primeiro passo para que não seja destruído um projeto, nem tão utópico, de construção de um pensamento crítico entre nós.

²¹ MERQUIOR. O estruturalismo dos pobres, p.5.